

**Discurso de Posse  
Academia Mineira de Medicina**

Exmo. Sr. Presidente da Academia Mineira de Medicina, Dr. José Raimundo Lippi, através de quem estendo meus cumprimentos aos membros da mesa e demais autoridades presentes.

Acadêmicos e acadêmicas,  
Senhoras e senhores,

Há 33 anos, em 1985, fui admitido na UFMG como calouro de medicina. Formei-me médico em 1990, fiz-me doutor em Bioquímica em 1994, e em 1995 tornei-me Professor do Departamento de Farmacologia, onde permaneci até maio de 2007, quando foi aprovada a minha remoção para o Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina da UFMG. Em 2008 assumi o cargo de Professor Titular de Psiquiatria. Permitam-me ler uma citação que fez parte do meu discurso de posse àquela época:

*“O ensino da Psiquiatria, na Faculdade, não me tem permitido passar dos monótonos expedientes de aulas teóricas, cujo cunho meramente tribunício se disfarça no aparato simulatório do seu mais sério imperativo: um paciente apanhado a esmo, entre os internados no Instituto, teatralizando a honestidade do ensino prático, na constrangedora e burlesca ação de presença a que o submetem tais colapsos da ética. O pobre paciente sentado a uma cadeira e eu, ao lado, fazendo uma preleção. É o que se denomina, aqui, em Psiquiatria, de aula... prática. (...) A segunda tarefa, a da reforma regulamentar, depende de pôr “sábios”, “bacharéis”, “burocratas” e “morubixabas”, dentro de artigos e parágrafos, enfrentar “trâmites legais”, percorrer “canais competentes”, defrontar “montanhas graníticas” e arrostar com influências, interesses e grupos. Acho muito difícil desburocratizar o Instituto e torná-lo na dignidade universitária do ensino, sob a autonomia do professor. Será o embate com feudos truculentos, matulas daltônicas e aglutinações perversas; todavia, o seu catedrático tem o dever de lutar até o fim, pela organização e pela dignidade do seu ensino e da sua cadeira”.*

Este texto é parte de uma carta endereçada ao Prof. Juliano Moreira pelo primeiro, e último, professor catedrático de psiquiatria da então Faculdade de Medicina de Minas Gerais, Professor Hermelino Lopes Rodrigues, durante sua gestão como diretor do Instituto Raul Soares.

Lopes Rodrigues foi um psiquiatra possuidor de grande cultura médica e geral.

Como diretor do Instituto Raul Soares, empossado em 1929, foi responsável pela humanização dos cuidados psiquiátricos. É impressionante a atualidade do seu comentário feito há quase 90 anos, ao verificarmos que as condições do ensino e dos entraves burocráticos e corporativistas por ele descritos ainda estão presentes, e em alguns aspectos até mesmo se agravaram.

A aprovação no concurso para Professor Titular me conferiu uma distinção, reconhecendo minhas contribuições acadêmicas, compromisso e dedicação à Universidade, ou seja, por aquilo que fiz e o que represento. Ao mesmo tempo, o cargo trouxe consigo a responsabilidade de exercer a liderança, a fim de promover mudanças e correções de curso necessárias, mesmo significando contrariar interesses e perturbar o estado de equilíbrio e a inércia. Uma tarefa por vezes árdua, mas gratificante ao observarmos seus resultados e impactos na pesquisa e no ensino.

Infelizmente, mudanças inconsequentes e corporativistas na carreira do magistério superior federal, roubaram-lhe o mérito, tornando o cargo de Titular apenas mais uma simples progressão na carreira, bastando cumprir um interstício de tempo e requisitos acadêmicos muitas vezes medíocres.

Não obstante, sigo fiel aos princípios que sempre me nortearam, e continuo questionando, incentivando e provocando disrupções. Tudo pode ser melhorado, otimizado, transformado, por melhor que pareça estar.

Chego então a esse momento. Confesso-me emocionado.

Honra-me ser aceito nessa Academia. Tomo posse como ocupante da cadeira #33, cujo Patrono é o Prof. Roberto de Almeida Cunha.

Formado na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil em 1914, Almeida Cunha trabalhou no Instituto Manguinhos com Dr. Oswaldo Cruz na erradicação da Febre Amarela. Ex-catedrático de Microbiologia da Faculdade de Medicina de Minas Gerais, empresto-me das palavras de Pedro Nava, que assim o descreveu em seu livro “Beira Mar”:

*“Roberto de Almeida da Cunha tinha 34 anos quando nos lecionou a Cadeira de Microbiologia, em, 1924. Era a terceira turma que ele preparava. A primeira fora a de 22, substituindo Ezequiel Dias doente. Com a morte deste, empossara-se catedrático a 10 de fevereiro de 1923.... Ele era extremamente zeloso no seu ensino e dava suas aulas no anfiteatro-laboratório da cadeira, cujas janelas se abriam para a frente da Faculdade. Falava com voz estridente cheia de altos e baixos de que ele próprio não se dava conta*

*pois era mais surdo que uma porta. Sua elocução era rápida e fácil... O ensino de Roberto Cunha era descrição e a história natural do germe patogênico, do seu habitat, caracteres de sua cultura em placa, gelatina e caldo, da sua aparência celular, dimensão, coloração. Sua identificação. ...Não se interrompia um instante – minucioso, apressado, preciso, bitonal... Roberto Cunha era alto, magro, espigado, ágil e simultâneo como nos aparecia nas provas escritas, quando corria de cima a baixo a sala, para evitar colas. Ele próprio gabava-se de que com ele não, que não havia espertalhão que o enganasse.... Ledo equívoco. Fazia-se pior. Já falei da sua surdez. Ela permitia que, sorteado o ponto, esse fosse ditado do lado de fora e em voz estentórica, por cúmplice de outra turma. Todos ouviam exceto o arquiludido professor. ... Esse era cerimonioso e evitava contatos devido a sua dificuldade em ouvir. Assim houve sempre muita distância entre esse homem bondoso e simpático e os discípulos. E era pena pois como vim a verificar muito depois, em viagem que fizemos juntos, voltando da Europa – sua conversa era variada e inteligente. Aos urros no tombadilho.”*

Talvez menos conhecida sejam as ideias de Almeida Cunha sobre ensino, religião e patriotismo, manifestadas em tese intitulada– *A unidade nacional pela cultura moral: a educação religiosa como melhor meio de nacionalizar a infância*, na qual fez verdadeira “pregação” a favor da implantação do ensino religioso católico em todos os estados, como forma de unificar o país. Ele propunha medidas para que “*cheguemos, pela formação conseqüente do caráter brasileiro, a uma coletividade homogênea*”, em ideias alinhadas às correntes higienistas da época.

Posteriormente, Roberto Cunha transferiu-se para a Faculdade de Odontologia e Farmácia da Universidade de Minas Gerais, onde foi Diretor de 1935 a 1941 e de 1947 a 1950. Foi também fundador da Escola de Enfermagem Hugo Werneck da futura Pontifícia Universidade Católica de Belo Horizonte. Vemos pela sua trajetória que se tratava de um pensador não restrito a sua ocupação principal e certamente dotado de espírito empreendedor.

A cadeira teve como primeiro ocupante Ismael de Faria, médico e jornalista, que foi seguido por João Affonso Moreira Filho, então professor do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da UFMG e teve como seu terceiro e último ocupante o Prof. Wilson Mayrink, falecido em 26 de janeiro desse ano de 2018. São esses a quem tenho a honra e a responsabilidade de suceder.

O professor **Wilson Mayrink**, nascido em Ponte Nova, formou-se em Medicina pela então Universidade de Minas Gerais, em 1951. Feito Professor Emérito da Universidade Federal de Minas Gerais após sua aposentadoria, foi Professor Catedrático da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e Professor Titular do Departamento de Parasitologia do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG. Certa vez, perguntado sobre a suas escolhas, respondeu:

*“Passei por várias áreas da Medicina, mas nunca me encontrava, até me ver largado em um laboratório. Foi aí que desenvolvi o interesse pela pesquisa. Como não gostava quando meus pacientes perguntavam o preço da consulta ou do tratamento, parei de clinicar e virei cientista de vez (...).”*

Mayrink dedicou mais de 50 anos aos estudos sobre formas de diagnóstico, tratamento, prevenção e controle da leishmaniose visceral humana ou calazar, causada pelo parasita protozoário *Leishmania chagasi*. Se interessou por pesquisas sobre a *Leishmaniose* quando o professor Saul Addler, da Universidade Hebraica de Jerusalém, veio ao Brasil para instalar um centro de estudos sobre a doença. Entre suas atividades de bancada, ensino e a pesquisa de campo, desenvolveu com a sua equipe a primeira vacina contra leishmaniose.

Hilton Rocha, em um discurso nesse sodalício, definiu assim o Acadêmico de Medicina: “Ser Acadêmico não é ser escritor, nem poeta. Mas é ser médico. Integrado na profissão havido vivido os seus dramas, as suas incertezas, suas habilidades, suas batalhas a sua grandeza e as suas emoções.”

A esse pensamento, embora implícito, eu acrescentaria que ser acadêmico também é ser defensor intransigente da investigação médica e daqueles que a exercem.

Não é incomum se referir a médicos-pesquisadores como se fossem aberrações da natureza, nem totalmente médicos nem cientistas, mas uma combinação artificial de duas raças, como se os dois não pudessem co-existir, em um mesmo corpo e mente.

Para mim, ser cientista é uma extensão natural da minha curiosidade inata sobre os mecanismos básicos da doença, sobre o funcionamento de células, moléculas, átomos e mesmo do universo.

O meu testemunho é o de que a carreira do médico-cientista é uma jornada emocionante, recompensadora, desafiadora, criativa, que requer perseverança e devoção. Como médico-cientista, tem-se o privilégio de poder fazer contribuições significativas nos

campos da assistência ao paciente, no ensino e na pesquisa. Ao mesmo tempo em que é levado a interagir, colaborar e conhecer o mundo.

Dentre as finalidades estatutárias da Academia encontramos:

– *Contribuir para o desenvolvimento e o progresso da profissão e ensino médico;*

Em um momento histórico, onde tecnologias emergentes e convergentes, como a inteligência artificial e a edição genômica, mudarão radicalmente o conhecimento e a prática médica, de uma maneira nunca antes vista, tanto em magnitude como em abrangência, essa Academia tem um papel importantíssimo como guardiã e defensora dos valores e princípios éticos da medicina e sua aplicação. Visando resguardar o interesse e bem estar dos pacientes, sem no entanto perder de vista o desenvolvimento científico, as transformações e inovações vindouras e sua transmissão e disseminação através do ensino da medicina de qualidade.

Me alegro em ver aqui várias faces conhecidas, de mestres, ex-professores, minha querida família, colegas e amigos.

Chegar até aqui não foi indolor, embora repleto de prazer. O caminho das escolhas é espinhoso, mas ao evocar a memória sinto o predomínio do calor e conforto dos bons momentos, das escolhas acertadas e recompensadas.

A participação de inúmeras pessoas foi obviamente fundamental, e valho-me da oportunidade para homenageá-las nomeando algumas delas, especialmente, meus pais Cornélio e Nely, que imaginaram e possibilitaram para seus filhos um futuro bem além das suas próprias fronteiras; minha irmã e cúmplice Joyce, que com o “tio” Zargos nos presentearam com nosso afilhado Tomás; Prof. Marcus Vinícius, que com seu exemplo me ensinou a zelar pela universidade e o que ela representa; Prof Ênio Cardillo que me recebeu pela primeira vez em seu laboratório; Profa. Angela Ribeiro e o Prof. Michael Brammer que de supervisores metamorfosearam-se em grandes amigos; o Prof. e acadêmico Luiz Armando, ouvinte paciente e conselheiro perspicaz; a Profa. Wolfanga, que me introduziu no prazer de ouvir opera; o Prof. Rodrigo Nicolato, meu ex-aluno de doutorado, cujo entusiasmo pela Psiquiatria foi uma fonte inicial de contaminação; Profs Juarez Castro e José Carlos Cavalheiro, que me abriram as portas da Psiquiatria; o Prof. Humberto Correa, cuja colaboração e empenho foram fundamentais para a minha inserção definitiva na Psiquiatria, além da gastronomia; Prof. Francisco Penna, cujo apoio institucional alavancou a pesquisa na Faculdade de Medicina da UFMG e viabilizou a instalação do

nosso grupo de pesquisa. A Profa. Maria Aparecida, esposa do amigo Marco Aurélio, que se lançou comigo ao recente desafio da candidatura, infelizmente derrotada, à Diretoria da nossa Faculdade; e o Prof. Lippi, que hoje me apadrinha. Através destas pessoas, agradeço a todos que tenham tido, por pontual que seja, participação na minha trajetória pessoal e profissional.

Sim, àqueles que se perguntam, ainda não falei sobre as minhas preciosidades. Reservei os momentos finais dessa fala para a eterna namorada, a esposa, a amiga, a colaboradora, a co-autora, a Débora, todas reunidas em uma só. Sem o seu amor o que teria sido de mim? Juntos temos realizado projetos de vida, que se entremeiam com a medicina e a ciência. Ela que me inspira, me norteia e desnorteia, que acredita nos meus devaneios e torna possível concretizá-los, com sua competência e organizada obstinação. Dessa sinergia, nasceram nossas obras mais importantes, ainda inacabadas, Henrique e Samuel. Tão parecidos conosco e ao mesmo tempo tão singulares. É um privilégio, carregado de surpresas, acompanhá-los enquanto descobrem a si mesmos e o mundo. Suspeitamos que só agora começam a entender (um pouco) o que seus pais fazem da vida, em um lar onde amor, trabalho, prazer e lazer se fundem e se confundem.

Em síntese, o que sou hoje é a resultante de uma simples equação que envolve os mestres que tive, amigos, minha família, colaboradores e alunos.

Aproveito o testemunho dessa honrosa plateia para renovar meu compromisso com a Medicina, como médico, professor, pesquisador, e agora acadêmico.

Muito obrigado.

M.A.R.S.